



Renan Marcondes
PORTFÓLIO

Da pesquisa

Meu trabalho é uma investigação sobre a finitude, o desaparecimento e a permanência dos corpos. Corpos frágeis, incapazes de escapar à morte, essencialmente solitários — e, ainda assim, insistentes. Corpos que desejam, que persistem, que criam objetos capazes de alterar o entorno e deixar rastros, mesmo que breves, da sua travessia pelo mundo material.

Com uma formação híbrida entre teatro, dança e artes visuais, minhas obras nascem de processos longos, maturados ao longo dos anos, em colaboração contínua com uma mesma constelação de performers e artistas. São criações que habitam diversas linguagens e se desdobram em performances duracionais, fundadas em gestos mínimos, repetidos, quase absurdos — ações que deslocam radicalmente a função do corpo no espaço, e que sempre se debruçam sobre a história da performance e da dança.

Ao imobilizar corpos, deitá-los, fazê-los descansar, limitá-los por esculturas ou entregá-los ao patético, procuro tornar visível a trama de forças com a qual todo corpo está em relação. Ecoando a curadora Carrollina Lauriano, interrogo “as maneiras pelas quais os ambientes físicos moldam nossas percepções e experiências de mundo”, na tentativa de lembrar — a mim mesmo e ao público — que não somos apenas seres que agem, mas também corpos que se deixam afetar.

Performance, dança e video
2016-2026



vista de *pequenas mortes*, exposição individual
no centro cultural correios rj (2025)



outro chão

2026

Performance duracional com sapatos de sola de metal, madeira e adesivo vinílico recortado

Um corpo sapateia continuamente sobre quatro placas pretas de madeira com palavras que formam a frase: “e o território é a população e mais o chão”, escrita pelo geógrafo brasileiro Milton Santos.

Através de passos de diversas danças como o Flamenco, as cheganças e o samba, essas palavras vão sendo lentamente desgastadas e desaparecendo, até que sobre apenas intacta a palavra “população”.

obra concebida e apresentada para a XXIV Bienal Internacional de Arte de Cerveira, em Portugal.



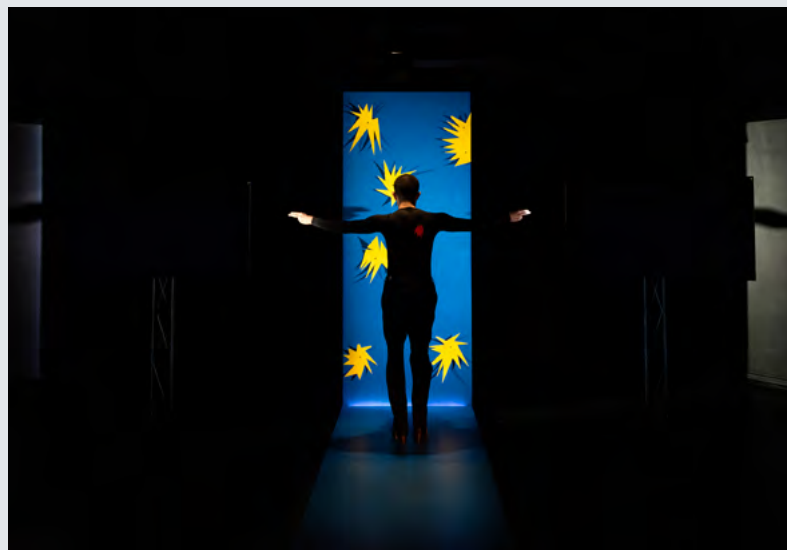
A primeira dança

2026

Palestra-performance

“A primeira dança” é uma palestra performance sobre as primeiras danças da humanidade, assim como suas versões sociais e pessoais. A fala, acompanhada por imagens e dança, convida o público a pensar sobre aquilo que chamamos de dança e sobre como ela pode existir para além de uma demonstração técnica, podendo também falar dos limites e aprendizados do corpo.

obra criada para a mostra Caixa de Dança, no Sesc Ipiranga



Uma árvore tombada se mede melhor

2024

Performance duracional para flores, madeira e corpos em ciclos de 1h

Um corpo se engaja na ação de colocar ripas de madeira e flores ao redor do seu corpo, criando uma espécie de ninho ou esqueleto externo para si. Já imóvel, deita sobre um grande chão de flores para servir como apoio para outro corpo comer uma maçã.

O trabalho parte da icônica obra *Dança das ripas* (1920), de Oskar Schlemmer. Mas ao invés de controle e precisão do corpo, aqui as ripas formam uma arquitetura frágil de corpo, a ponto de ruir.

foto de Mariana Chama
performance de Dani Mendes, Rafael Carrion e Renan Marcondes

obra comissionada pela Pinacoteca de São Paulo





O performer

2026

Performance duracional em ciclos de 40 minutos.

De dentro de uma caixa

foto de Mariana Chama

performance de Dani Mendes, Rafael Carrion e Renan Marcondes

obra comissionada pela Pinacoteca de São Paulo





Composições de espera

2025

Performance. Duração aproximada de 1h.

Tiragem: P. U.

Um corpo se alterna entre quatro ações: abraçar, aproximar, repelir e pausar. Esses movimentos, recombinaos ao longo do tempo, são materializados por um simples adorno feito de cordas e folhas que materializa o espaço entre as extremidades do corpo, mostrando tensões e relaxamentos entre diferentes movimentos.

Como é de costume em minha pesquisa, o objeto vestível limita o corpo e sublinha o espaço ao seu redor, e a forma coreográfica cria ciclos de movimento, pausa e recomeço incessantes, sem progressão ou clímax. O trabalho é também inspirados nas anotações coreográficas de artistas alemães como Rudolf Laban e Oskar Schlemmer.

foto de Lukas Gross

*obra criada durante residência artística
Werkstattwoche, em Luben (Alemanha)*



Que por vencedor ninguém te reconheça

2024

Performance duracional, realizada ao longo de 7 horas na sp-arte 2024, acompanhada de dossiê.

Tiragem: 1 + P.A.

Movendo seis blocos de madeira com os números 1, 2 e 3, reconfiguro incessantemente a estrutura de um pódio, transformando-o em escadas, camas, torres, etc. No ambiente altamente competitivo e mercadológico de uma feira de arte, tal contra-imagem em movimento traz o trabalho necessário para se transformar estruturas de diferenciação em zonas de repouso e descanso.

O trabalho é também uma releitura para tempos neoliberais da histórica performance *Pose works for plinths I* (1971) de Bruce McLean.

foto de Mariana Chama

coleção particular





Solo

2018-2024

Vídeo em HD. Cor. Som. 54'.

De dentro de uma sala espelhada, uma pessoa tenta completar a palavra “desejar” impressa no vidro com diversas outras, impressas em papéis amassados no chão. Ao longo de sua tentativa, o espaço é lentamente tomado por fumaça enquanto uma narração cria paralelos entre o termo “nuvem de fumaça” e o “dia do fogo”, quando produtores rurais queimaram em conjunto áreas da Floresta Amazônica.

filmado no Sesc Avenida Paulista (2018) pela BRUTA Flor Filmes

apresentado na mostra individual “Solo”, no Centro Cultural São Paulo



frames do vídeo (esq.)
e vista da montagem (dir.)



Pra este sol, para essa escuridão

2023

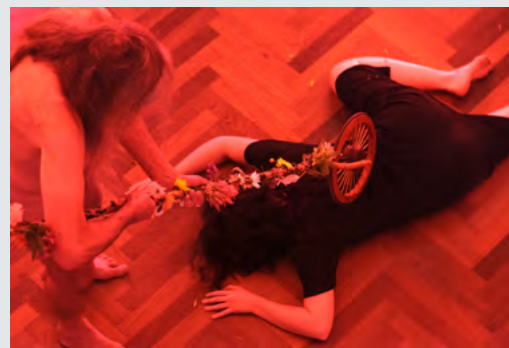
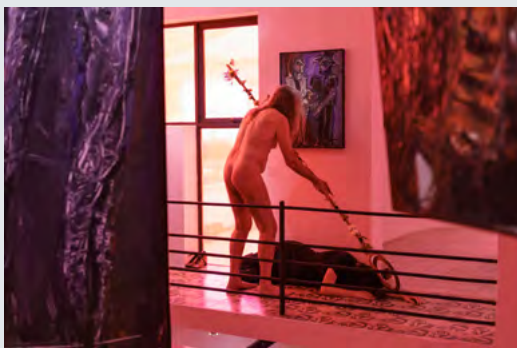
Performance duracional, realizada ao longo de 3 horas na casa sp-arte (2024).

Tiragem: P. U.

Carregando uma escultura repleta de flores cuja base é uma roda, um homem idoso e nu anda sempre lentamente para trás. Uma performer, infiltrada no público, por vezes susurra uma canção no ouvido de alguém, para logo após tirar seus sapatos e se deitar no chão, oferecendo suas costas para que a roda passe por cima dela. Aqui, a roda deixa de ser símbolo de velocidade e labor humano, para se tornar uma forma errante e violenta. O trabalho parte da iconografia das rodas, sóis e círculos diversos presentes nas obras de Oswaldo Goeldi e Iberê Camargo, tendo sido concebida especialmente para uma mostra dos artistas, curada por Galciani Neves.

foto de Mayra Azzi

performance de Marilene Grama e Raul Rachou





Tudo ou Nada

2023

Performance de duração variável de acordo com a temperatura, realizada no Sesc Consolação (2023) e Avenida Paulista (2023).

Tiragem: P. U.

Dois corpos servem de suporte e calor para duas esculturas de gelo de 4 litros cada, com a forma das palavras “tudo” e “nada”. Ao longo do tempo, cada escultura desempenha um escoamento em direção a um molde na forma da palavra oposta, até a transformação total do estado da matéria.

O trabalho dialoga com diversas das proposições com gelo ao longo da história da performance, como *Paradoxo da Práxis 1*, de Francis Alÿs, *Fluidos* (1967) de Allan Kaprow e *Fogueira de gelo*, de Paulo Bruscky.

foto de Mariana Chama
performance de Carolina Callegaro e Raul Rachou



Cena: os quinze minutos

2021

Vídeo em HD.
Cor. Som. 30'.

Manipulo um corpo inerte que lembra o do artista Andy Warhol. Apesar do contraste evidente entre ambos, a tentativa de mover esse corpo aos poucos vira uma dança a dois, passando por gestos de afeto e cuidado.



frames do vídeo (esq.)

Odiar os artistas

2023

Performance duracional na forma de ladainha de 4 horas, realizada na Galeria Vermelho (2023) e na Casa de Cultura do Parque (2023).

Tiragem: P. U.

Uma colagem de textos apropriados sobre o ódio que a sociedade sente pelos artistas (e sobre o ódio que os artistas também sentem) é enunciada de forma ininterrupta pelo mim por várias horas, enquanto permaneço totalmente imóvel auxiliado por vestimentas escultóricas que apoiam e duplicam meu corpo. Um de meus tênis, que me persegue incessantemente no vídeo, é integrado a uma peça motorizada que esporadiadamente chuta minha bunda. O trabalho faz referencia à obra *Roadworks* (1985) de Mona Hatoum, onde a artista amarra uma bota de soldado em seus pés.

*foto de Mariana Chama
participação de Carolina Callegaro*



O maior museu do mundo

2019-2022

Performance duracional para bailarina de olhos fechados, realizada na PIVÔ Arte e Pesquisa (2019), na Galeria Vermelho, na Universidade Federal de Uberlândia (2019) e no Sesc Pompéia (2022).

Tiragem: P. U.

Um corpo se move, lentamente e de olhos fechados, sobre um palco de madeira, enquanto retira restos do seu corpo e os posiciona sobre dispositivos museológicos em miniatura. Enquanto o faz, da bolsa de alguém do público escorre areia, como uma ampulheta que deixa rastros pelo espaço. Na obra, aquilo que sai do corpo, deixando rastros, é o que consitui o arquivo de um possível museu que carregamos sempre conosco.

A performance é inspirada em *Bed piece* (1972), do artista Chris Burden.

foto de Mariana Chama

performance de Carolina Callegaro, Clarissa Sacchelli (2019-2020) e Marilene Grama (2022)



Educativo para paredes, 2018

Ação pública para parede de galeria de arte, realizada no Instituto Adelina (2018).

Tiragem: 1 + P. A.

Uma parede de dez metros de largura é inteiramente coberta com textos sobre performance em vinil adesivo. Com óculos especiais em formato de lixa, o público é convidado para lixar a palavra performance, desgastando o texto e a parede do espaço expositivo. A proposta é inspirada nas obras *One hundred live and die* (1984) e *Wall Floor Positions* (1968), de Bruce Nauman.



Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos

2016

Coreografia em *loop* acompanhada de escultura vestível e *libreto*.

Tiragem: 1 + P. A.

Vestindo um sapato escultórico que o impede de permanecer em pé, um corpo realiza uma lenta coreografia no chão, composta por poses de ataque e submissão. Uma performer infiltrada conta um segredo e entrega um libretto para aqueles do público que se dispuserem a olhar com atenção para aquele corpo.

O projeto é inspirado no *SCUM Manifesto* de Valerie Solanas e em obras de Andy Warhol, como *Knives* (1982).

foto de André Arcari



Histórico

2017

Virada Cultural - Sesc Pompeia (SP)

2016

Salão dos artistas sem galeria - Galeria Sancovsky (SP)

Salão dos artistas sem galeria - ZIPPER Galeria (SP)

Obra premiada no *Setor de performances* - sp-arte - Pavilhão da Bienal (SP)

2015

Exposição *Contra Corpo* - Oficina Cultural Oswald de Andrade (SP)

2014

Obra selecionada pelo *Editais Proac primeiras obras de dança*



Hipótese sobre a construção, 2015

Performance duracional, realizada no Sesc Ipiranga (2015).

Tiragem: 1 + P. A.

Utilizo diversos objetos de escritório (como régua, lápis, tesouras e clips) não para suas funções produtivas, mas para servirem de apoio para que meu corpo repouse em situações diversas pelo espaço.
A performance parte da obra *Pencil mask* (1972), de Rebecca Horn.

foto de Pedro Hurpia



Obras selecionadas
2016-2025





(detalhe)

Objeto para soberba e obediência

2023

Peça em madeira, couro e latão sobre suporte de madeira acompanhada por fotografia em papel algodão emoldurada (40x70cm cada)

Confeccionado originalmente para a performance “Odiar os artistas” de 2022, essa peça é confeccionada sob medida para o tronco do artista e possui dois dispositivos reguláveis que ou forçam seu queixo a ficar para cima ou sua nuca a se curvar, orientando o corpo a posições de cabeça vinculadas à soberba ou à obediência.



(detalhe)

Leite derramado, 2022

jato de tinta sobre papel algodão, emoldurado, assinado e datado no verso. 70 x 50 cm (cada)

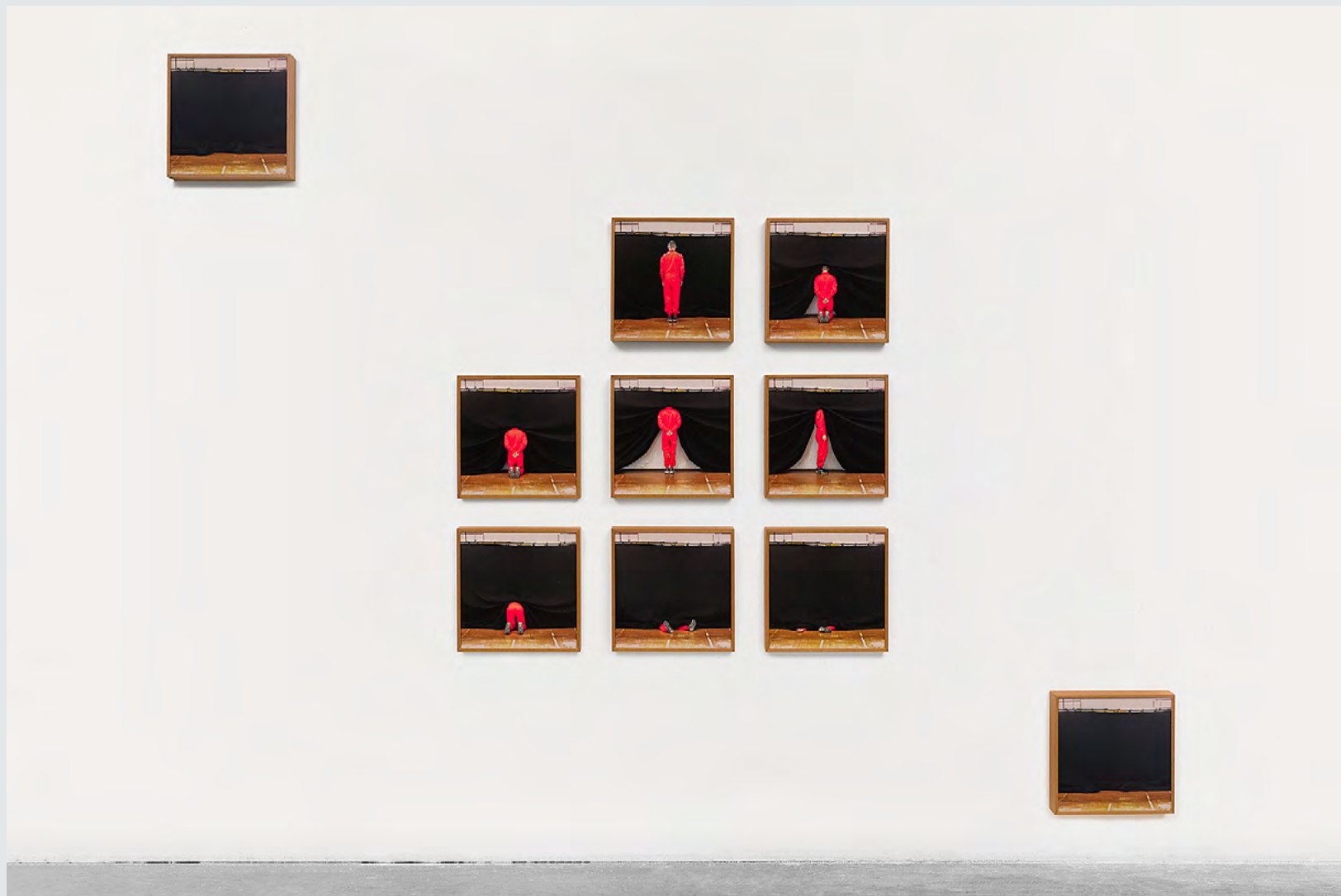
Utilizando uma escada de ouro sobre minha cabeça, tento equilibrar um copo americano cheio de leite sobre ela. A série fotográfica mostra o instante da queda, mas também prioriza a imagem do copo parado no ar, na altura do olhar. A obra é inspirada na música *Copo vazio*, de Gilberto Gil.

Outro estranho desaparecimento

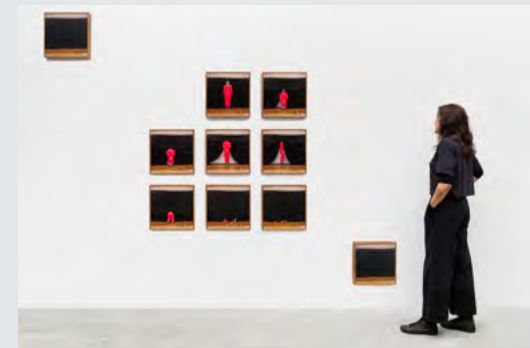
2023

jato de tinta sobre papel algodão, emoldurado,
assinado e datado no verso. 30 x 30 cm (cada)

Em diálogo com a obra de Vera
Chaves Barcellos, o artista atravessa
uma rotunda teatral, em gestos que
indicam submissão e aceitação desse
desaparecimento. A série se conclui
com a mesma imagem que a inicia,
sugerindo uma circularidade da
sequência.



(detalhe e escala)



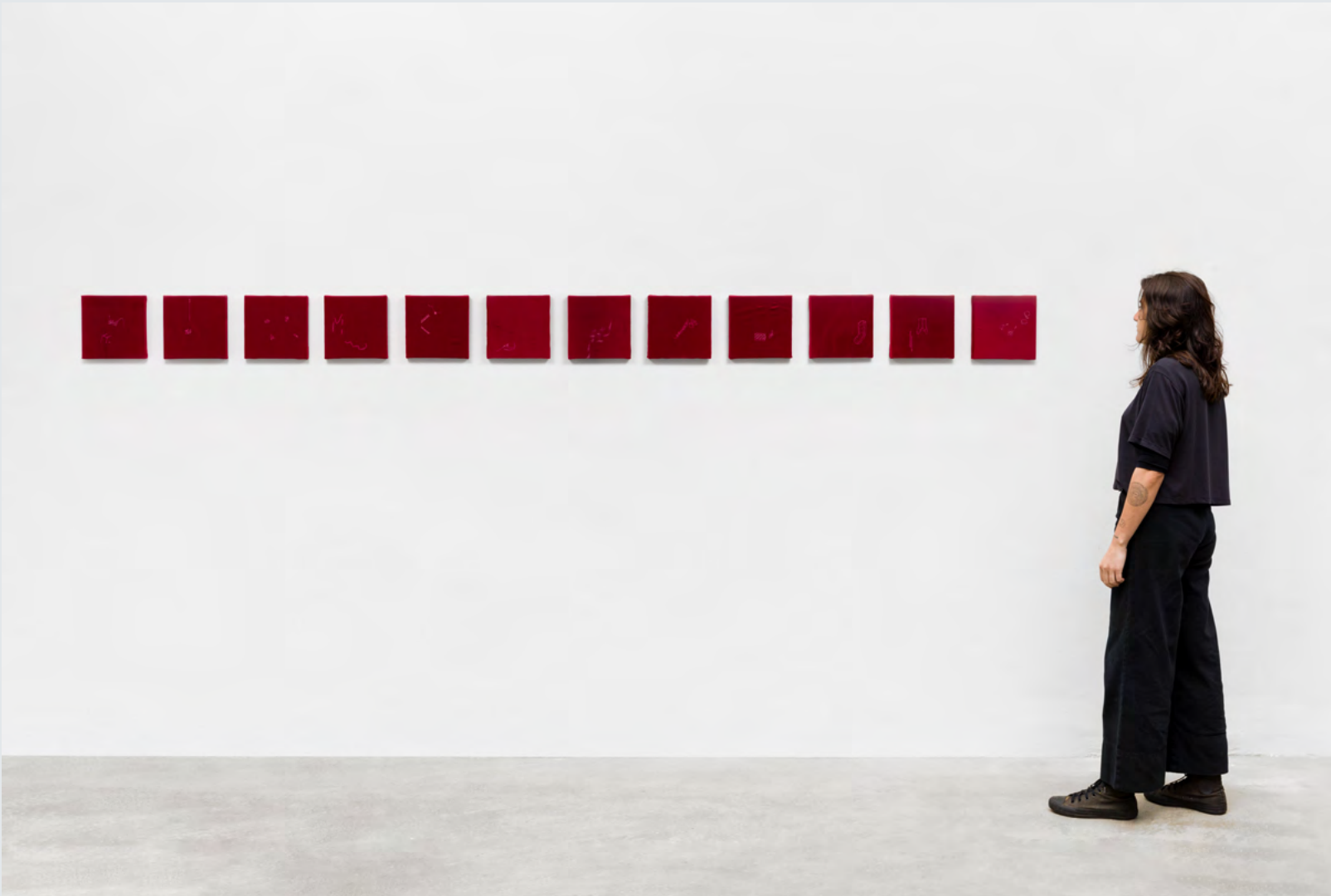
Repouso

2023

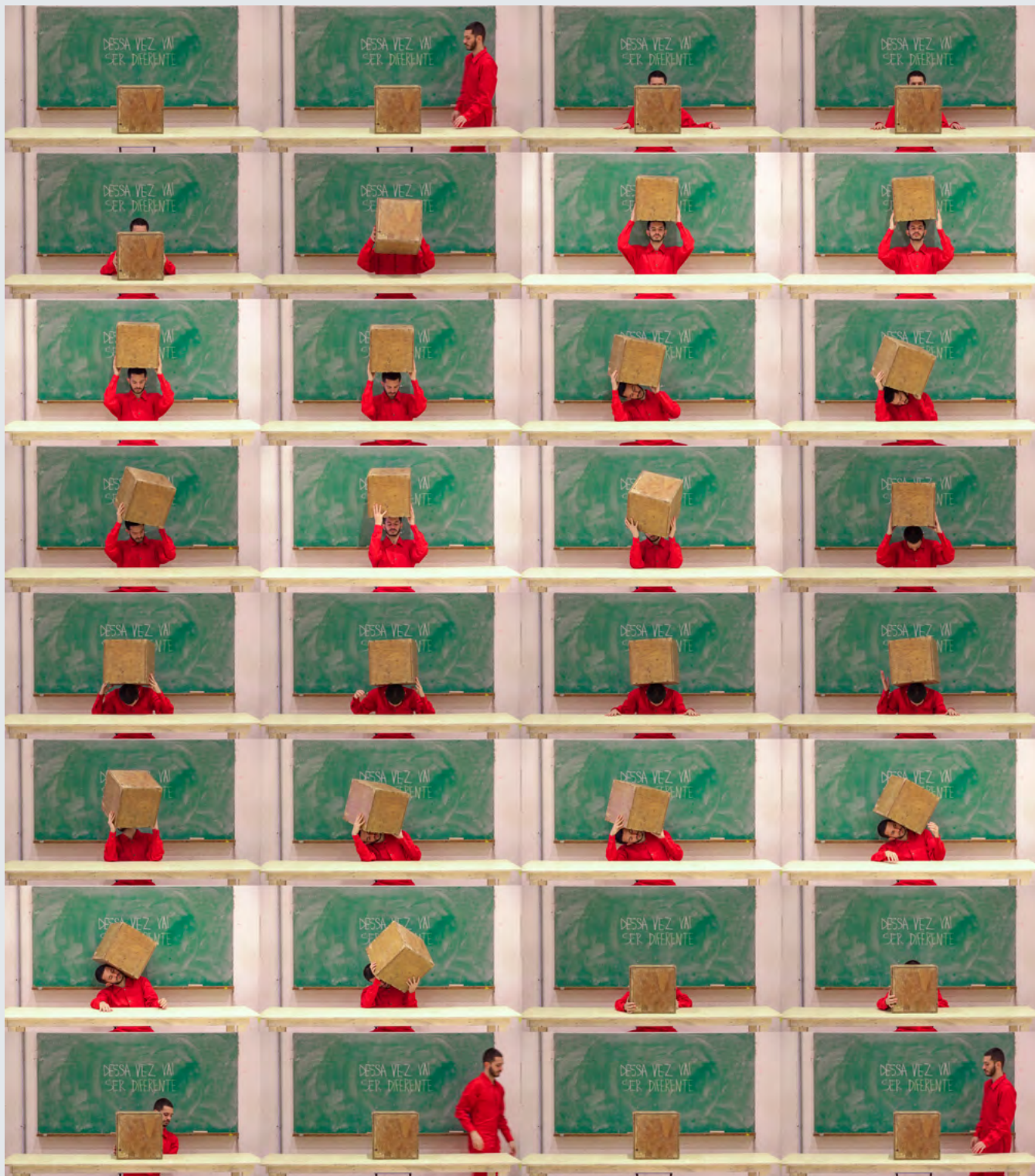
tinta branca e linha vermelha sobre veludo vermelho. 25 x 25 cm (cada)

Paisagens são costuradas em linha vermelha sobre veludo vermelho, formando cenas quase invisíveis. Sobre elas, é desenhado com tinta branca algum objeto descansando, livre de seu uso utilitário.

foto de Estúdio em Obra



(detalhe)

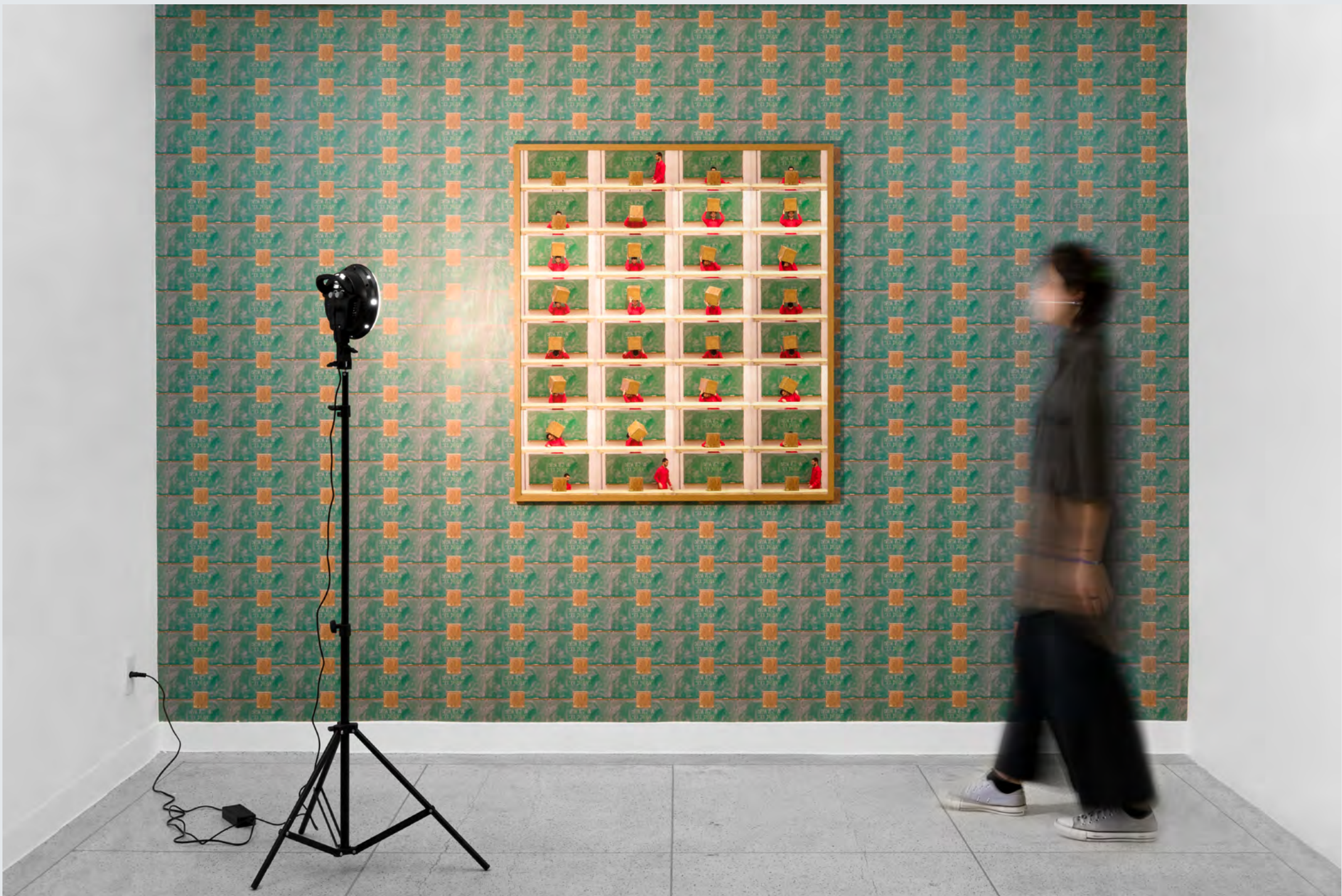


Dessa vez vai ser diferente

2023

impressão em jato de tinta sobre papel algodão emoldurado (100 x 112 cm) e papel de parede (dimensões variáveis).

A fotografia mostra, como em um *storyboard*, o artista tentando equilibrar um pesado cubo de madeira sobre sua cabeça, com o título da obra escrito ao fundo de cada imagem. A impressão é montada junto de um papel de parede, cujo padrão é o cubo sozinho, sem o corpo que age sobre ele.



vista da instalação



Voo profissional

2018

impressão em jato de tinta sobre papel algodão
e em UV sobre compensado naval 100 x 70 cm
(cada)

Tiragem: P. U.

Acervo do Museu de Arte do Espírito Santo

Para marcar minha primeira exposição em galeria, fui retratado utilizando alguns objetos do galerista, como se fosse dono da obra *Salto para o vazio* (1970), de Yves Klein.

Enquanto Klein parece ausente de sua imagem ao fundo, utilizo um bico de pássaro que é símbolo de voo e uma mordaca para minha boca.



Língua roldana (série)

2023

carvão, pastel seco, letra offset, folha de ouro, grafite e fita crepe sobre papel.

Dimensões variáveis.

Série de desenhos feitos e refeitos ao longo do processo de criação de performances. Funcionam como um mapa mental diariamente recomposto através de cortes, rasgos e recombinações.

(escala)



Y
/ O C K

E
K
S

8

V

R

U





**Protetor de proximidade
humana para valsa (da série
“PPH”), 2015**

Dispositivo escultórico de separação,
acompanhado de vídeo, texto e dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Um objeto escultórico serve para impedir que uma dança de casal envolva suor, hálito e proximidade excessiva. Tal objeto é experimentado em demonstrações ao vivo e em formatos expográficos. O projeto é inspirado nos *Objetos relacionais* de Lygia Clark.

Coleção particular.

*foto de João Mascaro.
performance de Carolina Callegaro e Clarissa
Sacchelli.*



**Protetor de proximidade
humana para beijo (da série
“PPH”), 2017**

Dispositivo escultórico de separação,
acompanhado de vídeo, texto e dossiê.

Tiragem: 1 + P. A.

Um objeto escultórico serve para impedir que um beijo envolva saliva, suor, visão, olfato, hálito e proximidade excessiva. Tal objeto é experimentado em demonstrações ao vivo e em formatos expográficos. O projeto é inspirado nos *Objetos relacionais* de Lygia Clark.

Aervo do Museu de Arte
Contemporânea de Ribeirão Preto e do
Museu de Arte do Espírito Santo.

*foto de Renan Marcondes
na foto, Carla Massa e Marilene Grama*





Timeline, 2018

impressão em jato de tinta sobre compensado
60 x 1000 cm (dimensões totais)

Tiragem: P. U.

Acervo do Museu Nacional de Belas Artes (RJ)

Uma linha do tempo da arte da performance é montada a partir de uma perspectiva afetiva. Editando digitalmente imagens históricas, imagens se mesclam e eventos inéditos que não aconteceram passam a ser possíveis no campo da imagem.

Peça de perseguição

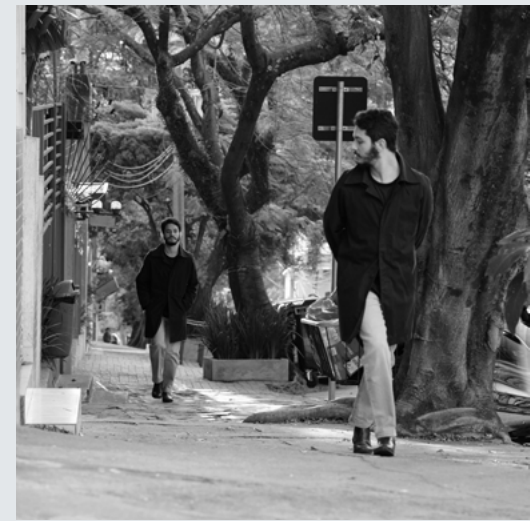
2018

impressão em jato de tinta sobre papel algodão
60 x 60 cm (cada)

Tiragem: 3 + P. A.

Acervo da Pinacoteca
de São Bernardo do Campo

Série de fotos que registram um encontro inesperado de mim comigo mesmo nas ruas de São Paulo, como se perseguísse a minha própria imagem. As fotos são inspiradas na performance *Following piece* (1969) de Vito Acconci.



(vista da montagem)





Para tudo o que não é circular

2016

impressão em jato de tinta sobre papel
algodão
15 x 21 cm (cada)

Tiragem: 5 + P. A.

Um corpo equilibra uma tábua de madeira sobre seus ombros. O ângulo das fotografias e o diálogo com o espaço criam a impressão que sua cabeça deu lugar à peça de madeira.

“ [...] A pesquisa que Renan Marcondes desenvolve desde o começo dos anos 2010 como artista visual parece apontar constantemente para uma direção: a experimentação. Com formação em teatro e artes visuais, os trabalhos partem de seu corpo e se relacionam diretamente com diversas tradições daquilo que convencionamos chamar de “performance” – o limite físico, a repetição de ações e a forma como ele se relaciona com objetos são alguns dos elementos que chamam a atenção. Aos poucos, sua pesquisa se expande e, tal qual uma fábula, vai ganhando prolongamentos físicos – objetos usados pelo artista vão de encontro ao corpo do público, ao espaço e se põe em relação com outr_s performers em um flerte com o surrealismo”

Raphael Fonseca, curador e crítico.
2021

“ [...] Dissidência cívica! Por onde e quando começamos? No redesenho de corpo, no contorno de si, na tentativa de conexão com a nossa interioridade intempestiva. E aí, sim, declarar nosso estado coletivo de humanidade. “Livrar-se de si”. Repitamos juntas. “Sejamos muites”, ecoemos na caixa torácica. Reorganizar o sustento da vida, nos diz Renan Marcondes. Girar, atentar-se ao giro, fazer o corpo mover-se de dentro, centrípeta e centrifugamente. E assim fazer vento. Girar, contornar círculos, inverter os rios do corpo. Girar, revolver, perceber-se no giro.”

Galciani Neves, curadora.

“ [...] Assim, a performance não é apenas uma representação de perda, mas um convite para uma reflexão mais profunda sobre a nossa relação com a finitude e a presença. Ao participar dessa experiência, o público é convidado a desacelerar, a observar com mais cuidado, a reconhecer a beleza nas pequenas repetições e a refletir sobre a morte não como algo distante, mas como parte do ciclo natural e inevitável da vida.”

Clarissa Ximenes, curadora de performance da Pinacoteca de São Paulo
2024

“ [...] Renan Marcondes é um artista que pesquisa os desdobramentos de seu próprio corpo em performances e instalações, objetos, desenhos, vídeos e inúmeras outras materializações. Essas explorações do corpo podem partir de sua própria carne ou de corpos alheios. Coreografias e obras teatrais que demandam extensas pesquisas também fazem parte de suas investigações, ora com resultados que envolvem a interação dos espectadores e a colaboração em peças que se constroem com o tempo, ora em formatos mais tradicionais em configurações de palco e público. [...] Há também trabalhos em que o artista explora os limites corporais, criando dispositivos que podem ser “vestidos” ou portados – por ele ou pelo espectador – e que alteram os funcionamentos e funcionalidades dos membros. Esses objetos quase-esculturais são frequentemente criados para uso em conjunto com um ou mais parceiros, desafiando não apenas a gestualidade de um corpo mas obstruindo a proximidade, a intimidade e as possibilidades de encontro.”

Julia Lima, curadora e crítica

2018

“ [...] Além disso, as proposições artísticas de Renan Marcondes também podem ser interpretadas por uma prática de política do espaço, interrogando as maneiras pelas quais os ambientes físicos moldam nossas percepções e experiências de mundo. Suas instalações e performances frequentemente brincam com escala, materialidade e relações espaciais, convidando os espectadores a reconsiderar seus arredores e as dinâmicas de poder neles embutidas. No entanto, tais questionamentos implicados nas práticas do artista, além de nos instigarem a pensar sobre as dinâmicas do corpo, frequentemente também questionam as próprias dinâmicas do campo da arte, indagando o papel deste campo para além de uma discussão somente plástica e expandindo sua compreensão para um campo político, de forma a operar entre a realidade e o imaginado, apontando indícios de possibilidade de uma outra ordem social possível.”

Carollina Lauriano, curadora

2024

“[...] Artistas da performance, como Renan Marcondes, testam os limites do corpo, ou tentam libertá-lo de estereótipos de aparência ou pudores de comportamento. Na obra *Timeline*, Renan Marcondes instala, na parede, retratos dos performers mais famosos da história da arte, de forma que seus olhares formem uma linha reta, de 10 metros de comprimento. Tudo varia nos retratos, menos a altura da linha dos olhos, que quer encontrar o olhar do espectador, perturbando-o e incentivando-o a ouvir o discurso do corpo.”

Paula Braga, curadora e crítica

2020

“ [...] Performar implica considerar o desmanche do ato enquanto atuamos, tal *Following Piece* (1969), realizada na ocasião de *Street Works IV*, em Nova Iorque. De fato, para Vito Acconci, tratava-se de estabelecer relações subjetivas e subjuntivas completadas no ato de seguir a si mesmo, à procura daquele que desconhece. Neste quadro, as hipóteses e variações da busca consistiam em seguir o outro, deixar-se levar pelo enigma que o carrega, interrompidas quando este chegasse a um espaço privado. Em *Peça de perseguição* (2018), Renan carrega partes de alguns experimentos que se encerram enquanto atuam: espera o encontro com o múltiplo de si, presente em *Procuro-me* (2001), persegue o estranho à maneira de Acconci até que esbarre com sua selfie postada na web, o mesmo que ocorria em 1928, quando Claude Cahun realizava sua fotomontagem *Que me*

veux tu, apavorada com o estrangeiro habitado em si mesma. [...] No fundo, falso ou verdadeiro, o que conta é performar para a imagem. Por isso a expectativa por espectadores para cada gesto acometido no trivial segue preenchendo linhas do tempo. Esperas, calúnias, buscas, difamações, o velório como performance, a celebração como rito de passagem rumo aos super poderes do sujeito pássaro em seu voo rasante e fugaz. O Caetano de 1989 é urgente: ‘reconhecer o valor necessário do ato hipócrita’ diz muito sobre o que nos falta.”

Josué Mattos, curador

2018

“É justamente nessa ínfima espessura do tempo que as composições do artista Renan Marcondes parecem residir. As ações propostas por ele transitam num liminar daquilo que está iminente de acontecer e daquilo que acabou de ser desencadeado, mantendo um estágio de suspensão temporal e espacial. Assim, as obras aqui reunidas são plasmadas numa poética que transita entre um corpo elétrico e uma existência que é chamada a se enquadrar, mas que não se conforma nunca.

O trabalho de Renan desenha com o corpo, coreografa com a linha e esculpe com a luz, estabelecendo uma série de intercâmbios estéticos através de composições com linguagens pendulares, ou seja, que borram as margens dos territórios estanques das técnicas artísticas tradicionais. Marcondes ressalta o seu lugar como um criador de experiências estéticas, em que tanto há uma exploração da matéria quanto um desejo vibrátil pela poesia e pelo exercício conceitual.”

Tiago Sant`Ana, curador e artista

2025

Bio



Renan Marcondes (1991, vive e trabalha em São Paulo) é artista e pesquisador e se dedica à prática e à teoria da arte da performance e das linguagens do corpo.

Alguns de seus principais projetos incluem *Protetores de Proximidade Humana* (realizado com prêmio MAJ Sesc 2015 e Temporada de Projetos do Paço das Artes), *Como um jabuti matou uma onça e fez uma gaita de um de seus ossos* (realizado com ProAc 2015), *Odiar os artistas* (realizado com apoio do CNPq em 2023) e *Fantasia Brasileira* (performances comissionadas pelo Theatro Municipal de São Paulo e indicado ao APCA de Dança em 2024), *Uma árvore tombada se mede melhor* (performance comissionada pela Pinacoteca de São Paulo em 2024) e *A primeira dança* (palestra performance comissionada para a mostra Caixa de Dança, no Sesc Ipiranga em 2026).

Recebeu o prêmio da Mostra de Arte da Juventude em 2015, prêmio do setor de performances da SP-Arte 2015 e diversos prêmios aquisições em salões pelo Brasil. Em 2017 participou da Temporada de Projetos do Paço das Artes, em 2018 foi contemplado com o Prêmio de criação em residência para jovens coreógrafos no MIS SP, em 2020 pelo 25º Festival Cultura Inglesa. Sua tese de doutorado foi contemplada em 2022 Prêmio Tese Destaque USP e publicada em livro pela editora Annablume. Em 2019 e 2022 foi indicado para o Programa de Bolsas e Comissões do Cisneros Fontanals Art Foundation. Em 2023 foi indicado com um dos “Future Greats” pela revista ArtReview e contemplado pela 35ª edição da Lei de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. Em 2024 pelo 33º Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo e pelo Edital de Chamamentos Artísticos do Theatro Municipal de São Paulo. Em 2026 recebe o Prêmio Denilto Gomes de dança.

Com suas obras, já participou da Bienal Internacional de Arte de Cerveira, das edições de 2023, 2022, 2019 e 2015 da mostra *VERBO de performance arte*, da *Bienal Sesc de Dança*, *IC Encontro de Artes*, *PERFORMAPAÇO*, dentre outras. Além de participar

de diversos salões e mostras coletivas de arte, suas exposições individuais incluem: *Contra Corpo* (Oficina Cultural Oswald de Andrade, 2015), *O que o corpo abriga* (Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura, Portugal, 2017), *Fundo Falso* (curadoria de Josué Mattos no Instituto Adelina, 2018), *Pinóquio* (curadoria de Júlia Lima no Centro Cultural Correios, 2021), *Solo* (33º Programa de Exposições do CCSP) e *pequenas mortes* (Centro Cultural Correios RJ, 2025). Na OMA Galeria, apresentou *Como se a paixão fosse uma grande esponja molhada* (curadoria de Raphael Fonseca em 2021) e *Reorganizar os líquidos do corpo* (curadoria de Galciani Neves em 2023). Realizou residências artísticas na PIVÔ Salvador (2026), Werkstattwoche (Alemanha, 2025), Pivô arte e pesquisa (São Paulo, 2019), Centro para os Assuntos da Arte e Arquitetura (Portugal, 2017) e Instituto Sacatar (Bahia, 2017).

Possui obras nos acervos no Museu de Arte do Rio, Museu Nacional de Belas Artes, Museu de Arte do Espírito Santo, Museu de Arte Contemporânea de Ribeirão Preto, no acervo municipal de Santo André e na Pinacoteca de São Bernardo do Campo. Ministra aulas, cursos e falas sobre performance desde 2015 em locais como MAM SP, MASP, Itaú Cultural, Sesc SP, Senac, Fundação Ema Klabin, Instituto Adelina, dentre outros. Em 2023 foi mentor do programa de mestrado na DAS Coreography em Amsterdã.

Realizou também, a convite do Sesc SP, o produto *Cartas para Danças* (lançado na Bienal Sesc de Dança 2023) e, a convite do Balé da cidade de São Paulo, a primeira edição dos encontros públicos “Antes da cena”.

Doutor em Artes da cena pela Universidade de São Paulo, com estágio na Justus Liebig Universität em Gießen (Alemanha). Sua formação inclui graduação e mestrado em Artes Visuais e especialização em História da Arte. Realizou pós-doutorado pela ECA USP e atualmente realiza um segundo pós-doutorado pelo departamento de Filosofia da USP. Todas as suas pesquisas foram financiadas por órgãos de fomento, como Fapesp e CNPq.

Atualmente é curador e idealizador do programa público de performances do Instituto Tomie Ohtake.



Contato

renancevales@gmail.com
+55 11 993977683

performances

Tetembua Dandara (produtora)
tetembua.dandara@gmail.com
+55 11 971658965